



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **ESTÁGIO CURRICULAR: UM NOVO VIÉS DA DOCÊNCIA NA VIDA DOS LICENCIANDOS DE QUÍMICA DO IFMA CAPUS AÇAILÂNDIA**

Autor: Eleilde de Sousa Oliveira; Orientador: Cleuma Maria Chaves de Almeida

*Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)- [eleildemissoes@hotmail.com](mailto:eleildemissoes@hotmail.com)*

### **INTRODUÇÃO**

Atualmente a formação de professores está buscando cada vez mais aliar a teoria vista na sala de aula com a prática docente, o que está bem explícito hoje nos cursos de licenciaturas. É através do estágio que essas teorias são colocadas em prática, unindo assim, ambos os conhecimentos. Ele é ao mesmo tempo teórico-prático. Vásquez (1968), menciona ainda mais essa questão com a afirmação que a teoria em si não é capaz de mudar o mundo, mas contribui para sua transformação se assimilada por aqueles que por seus atos podem ocasionar a transformação:

Entre a teoria e a atividade prática, transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização de meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação. (VÁSQUEZ, 1968, p. 207)

Esse momento em sala de aula irá determinar a postura pedagógica que será dotada pelo professor, ainda em formação do seu caráter docente, por isso, é uma prática que precisa ser intencional e fundamentada, para que seja possível realizar a articulação teoria e prática.

O professor que tem um trabalho intelectual, pensa sobre as ciências, sobre os instrumentos de ensino, sobre os recursos didáticos, elabora seu material e sabe selecionar o material já existente. Tem consciência do projeto educacional no qual está inserido e participa de sua elaboração. Formar esse professor poderá garantir o direito da criança ao saber que a escola deve socializar, no sentido da emancipação humana [...] (SILVA, 2003, p. 16).

O contato do aluno de licenciatura com a sala de aula por meio do estágio docente é a fase final de um processo que começa com a escolha do curso de licenciatura, e é portanto, a maior prova para que esse licenciando saiba se está pronto para a prática docente. Nesse sentido Tardif, alerta:



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O que é preciso não é exatamente esvaziar a lógica disciplinar dos programas de formação para o ensino, mas pelo menos abrir um espaço maior para uma lógica de formação profissional que reconheça os alunos como sujeitos do conhecimento e não simplesmente como espíritos virgens aos quais nos limitamos a fornecer conhecimentos disciplinares e informações procedimentais, sem realizar um trabalho profundo relativo às crenças e expectativas cognitivas, sociais e afetivas através das quais os futuros professores recebem e processam estes conhecimentos e informações. (TARDIF, 2002, p. 242)

O objetivo do trabalho foi coletar através dos memoriais de estágios dos licenciandos, os relatos destes, a respeito das suas experiências nos estágios supervisionados I, II e III, do curso de Licenciatura plena em Química do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) campus Açailândia.

## METODOLOGIA

O método utilizado na pesquisa foi o quantitativo, que para Richardson (1999), significa a escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de fenômenos. Este método representa, em princípio, a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação, possibilitando conseqüentemente, uma margem de segurança quanto às inferências.

O trabalho consistiu nos relatos apurados pelos licenciandos durante os três estágios curriculares obrigatórios no curso de Licenciatura Plena em Química do IFMA campus Açailândia. Os estágios foram feitos entre os anos de 2014 e 2016 em escolas da rede pública de ensino, contando com turmas de ensino fundamental e médio. Cada licenciando participou como observador e também atuou com micro aulas em todas as séries do ensino médio e nas séries finais do ensino fundamental durante os três estágios. As escolas contempladas foram escolas da rede municipal de ensino (ensino fundamental) e da rede estadual de ensino (ensino médio). Ficou a critério dos licenciandos escolher uma escola do ensino fundamental e uma do ensino médio para a realização do estágio.

Os relatórios falam da estranheza e das surpresas que estes licenciandos viveram durante o estágio supervisionado. Para Pimenta e Lima (2004) o exercício de qualquer profissão é técnico também, pois precisa utilizar técnicas para sua execução; nesse caso, também a profissão professor desenvolve habilidades específicas para realizar tal atividade. Todavia, “a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática” (2004, p. 37).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



Os resultados são apenas constatações sobre as experiências vividas em sala de aula, e sobre as direções que estes futuros professores pretendem tomar na carreira docente.

Muitas vezes o professor iniciante cai na “armadilha” de imitar modelos de práticas docentes sem se perguntar se este modelo se enquadra na realidade destes alunos. A imitação do modelo de prática docente “engessa” o conhecimento, fazendo com que o aluno tenha um grau de aprendizagem menor, uma vez que este saber não é voltado para sua realidade.

Durante as observações em sala de aula constatou-se que nos primeiros meses as salas de aulas estão sempre lotadas, mas no decorrer dos bimestres esse número vai se reduzindo drasticamente. O problema não está no acesso, mas na permanência desses alunos em sala de aula até a conclusão do ano letivo. Krawczyk (2009), afirma que:

a evasão, que se mantém nos últimos anos, após uma política de aumento significativo da matrícula no ensino médio, nos revela uma crise de legitimidade da escola que resulta não apenas da crise econômica ou do declínio da utilidade social dos diplomas, mas também da falta de outras motivações para os alunos continuarem seus estudos. (KRAWCZYK, 2009, p.9)

Os dados obtidos através de conversas informais com os alunos de uma das escolas do ensino médio, situada num bairro periférico da cidade, onde o estágio aconteceu, expõem os diversos fatores que levam à evasão escolar. Dentre eles podemos destacar: as condições precárias da escola, a maternidade precoce, falta de perspectiva em relação ao próprio futuro e não conseguirem conciliar trabalho e estudos.

A educação especial também pôde ser vivenciada durante o estágio, e com ela, a falta de preparo das escolas e dos professores da rede pública de ensino para receber este aluno com necessidades especiais (neste caso específico, uma aluna surda-muda na escola do ensino médio e uma aluna com paralisia cerebral, no ensino fundamental). A aluna surda-muda precisava de intérprete de Libras. Embora o professor não tenha total domínio da língua, se faz necessário conhecê-la pelo menos de forma superficial. Strobel (2008), considera que:

São raros os professores habilitados para trabalhar com os alunos surdos em sala de aula, pois ter domínio da Libras para atuar de forma inclusiva é muito difícil para o professor, considerando que esta é uma habilidade que nem todos conseguem desenvolver em tempo viável e com certo êxito. No entanto, conhecê-la quanto à sua estrutura lexical, sintática e semântica, seria fundamental ao professor, no sentido de buscar formas de explicar um conteúdo de modo mais claro e sucinto, facilitando o trabalho do tradutor-intérprete, assim também como possibilitar uma melhor interação entre professor e aluno. (STROBEL, 2008, p. 102)



A falta de conhecimento específico por parte do professor no que se refere à língua de sinais é de certa forma até compreensível, uma vez que este professor concluiu a graduação antes da obrigatoriedade da disciplina de libras no currículo dos licenciandos através da Lei 10.436/02 que reconhece oficialmente a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como língua e o Decreto 5626/05 que regulamenta a referida lei, no artigo 3º está estabelecido para o Ensino Superior, a inserção da disciplina, obrigatoriamente, nos cursos de licenciaturas.

Quadros e Campello (2010) ressaltam que a proposta da disciplina de Libras nas Licenciaturas é de oferecer conhecimentos básicos dessa Língua.

A aluna com paralisia cerebral contava com uma acompanhante da rede municipal de ensino, porém observamos que nenhum dos professores preparavam uma tarefa diferenciada para ela, nem tampouco as provas dela eram voltadas para a sua necessidade educacional.

A estrutura física das escolas, assim como seu corpo de funcionários também foram observados para avaliar as interações destes com o processo de ensino/aprendizagem. Para Moran (2000),

existem duas razões para se estudar a infraestrutura da escola, a primeira trata das condições físicas de trabalho, diz respeito aos meios disponíveis para um trabalho mais confortável, menos desgastante, mais prazeroso, mais produtivo e saudável para o trabalhador. A segunda razão é a de que estamos falando de educação, um trabalho de importância inegável, afinal melhor infraestrutura está relacionado com melhor qualidade do ensino. (MORAN 2000)

Em algumas escolas o quadro de funcionários era bastante reduzido, não contando com vigias e zeladores, por exemplo, quadro este, bem mais acentuado na rede estadual de ensino. A falta de limpeza atrapalhava bastante, pois muitas vezes os próprios alunos tinham que varrer as salas para terem o mínimo de higiene no local. Algumas salas estavam com as carteiras quebradas e sem iluminação, fazendo com que algumas turmas se aglomerassem em uma única sala por falta de lâmpadas e/ou ventiladores, o que dificultava ainda mais o trabalho do professor devido à superlotação.

(...) O espaço escolar não é apenas um continente, um recipiente que abriga alunos, livros, professores, um local em que se realizam atividades de aprendizagem. Mas é também um conteúdo, ele mesmo educativo. Escola é mais do que 4 paredes, é clima, espírito de trabalho, produção de aprendizagem, relações sociais de formação de pessoas. O espaço tem que gerar ideias, sentimentos, movimentos no sentido da busca do conhecimento, tem que despertar interesse em aprender, além de ser algo alegre, aprazível e confortável, tem que ser pedagógico. O aluno aprende dele lições sobre a relação entre corpo e a mente, o



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

movimento e o pensamento, o silêncio e o barulho do trabalho que constroem conhecimento. (DAVIS, 1993, P.53)

A falta de uma infraestrutura adequada contribui significativamente para evasão desses alunos, uma vez que não contam com condições mínimas para permanecerem em sala de aula.

O estágio tem um papel fundamental na vida do licenciando, pois ele tem pela frente um desafio gigantesco, o de transformar cada aula em uma oportunidade de aprendizagem e também de mudança da sua realidade e da realidade dos seus alunos, conforme Freire (1996), conscientes do nosso inacabamento, visto que estamos constantemente em formação.

## CONCLUSÃO

O estágio supervisionado não pode acontecer de qualquer forma, para tal, precisa ser supervisionado pelo professor da disciplina, com a colaboração de professores do curso e dos professores que atuam na escola em que esse estágio acontecerá em forma de docência, para que teoria e prática caminhem juntas durante a ação.

A profissão docente tão desvalorizada no nosso país, é no entanto, uma das mais sublimes e difíceis profissões de ser exercida, pois requer uma gama de saberes que não são simplesmente saberes que são repassados nos cursos de licenciaturas. Esses saberes são adquiridos no decorrer da profissão e variam de acordo com cada turma, cidade, bairro, condições socioeconômicas desses alunos, enfim, são as situações que o professor precisa contornar para uma boa assimilação dos conteúdos e contextualizações dos conceitos.

Sobre a frase “só se aprende ser professor sendo!” surge um questionamento: qual a importância da teoria no processo de formação do professor? O fato é que nenhuma prática pode existir sem um mínimo de teoria, é necessária uma reflexão sobre a prática.

A docência requer que o profissional “seja professor” e não apenas “esteja professor”. É uma ação que não se encerra com saída da sala de aula. É um estado contínuo. É o ser, sempre, professor.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

DAVIS, Claudia. Oliveira. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRAWCZYK Nora. **O ensino Médio no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2009.

MORAN, José Manuel Masetto. **Novas tecnologias e mediação pedagógicas**. São Paulo: Papirus editora, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido; Lima, Maria do Socorro Lucena. Estágio e docência. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

QUADROS, R; CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **A constituição política, social e cultural da língua brasileira de sinais- Libras**. In: VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. **A formação de docentes da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, em nível médio, no Estado do Paraná**. Documento para organização do Curso de Formação de Professores em nível Médio na Escola Pública do Paraná. 2003, digit.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 1 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2008. v. 1, p 118.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.